



Yolanda Reyes

Conto

O dia em que não houve aula
do livro:

O terror do 6:13
e outras histórias

FTD

Tradução André de Oliveira Lima

Ilustrações Daniel Rabanal

FTD

Texto © Yolanda Reyes Villamizar, representada por
AMS Agenciamento Artístico, Cultural e Literário Ltda., 2014
Todos os direitos reservados à

EDITORA FTD S.A.

Matriz: Rua Rui Barbosa, 156 — Bela Vista — São Paulo — SP
CEP 01326-010 — Tel. (0-XX-11) 3598-6000
Caixa Postal 65149 — CEP da Caixa Postal 01390-970
Internet: www.ftd.com.br
E-mail: projetos@ftd.com.br

DIRETORA EDITORIAL Silmara Sapiense Vespasiano

GERENTE EDITORIAL Cecilyany Alves

EDITORA Cecília Bassarani

EDITOR ASSISTENTE Luís Camargo

ASSISTENTES DE PRODUÇÃO Ana Paula Iazzetto e Lilia Pires

ASSISTENTES EDITORIAIS Tássia Regiane Silvestre de Oliveira e Thalita R. Moiseieff

PREPARADORA Débora Andrade

REVISORA Elvira Rocha

COORDENADOR DE ARTE Eduardo Rodrigues

EDITORA DE ARTE Andréia Crema

DIAGRAMAÇÃO Alicia Sei

FINALIZAÇÃO Ana Isabela Pithan Maraschin

DIRETOR DE PRODUÇÃO GRÁFICA Reginaldo Soares Damasceno

YOLANDA REYES é escritora e educadora colombiana e diretora do Espantapájaros (www.espantapajaros.com/), projeto de formação de leitores. Entre suas obras traduzidas para o português figuram: *Um amor grande demais*, selecionado para o catálogo White Ravens, em 1999, *Meu bicho de estimação*, *A casa imaginária: leitura e literatura na primeira infância* e *Ler e brincar, tecer e cantar: literatura, escrita e educação*. Recebeu Menção Especial no Concurso Nacional de Jornalismo Simón Bolívar por sua coluna no jornal *El Tiempo*, de Bogotá.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Reyes, Yolanda
O terror do 6º B e outras histórias / Yolanda
Reyes ; tradução André de Oliveira Lima ; ilustrações
Daniel Rabanal. — 1. ed. — São Paulo : FTD, 2014.

Título original : El terror de sexto "B".
ISBN 978-85-322-9244-5
ISBN 958-704-020-1 (ed. original)

1. Contos — Literatura infantojuvenil I. Rabanal,
Daniel. II. Título.

13-13998

CDD-028.5

Os contos *Frida*, *É terminantemente proibido!* (Uma árvore terminantemente proibida), *Terça-feira: 5ª aula* (Terça-feira, quinta aula ou a aula de Educação Física) e *Um amor grande demais* foram publicados separadamente em 1997; *A pior hora do dia* (O dia em que não houve aula) e *Saber perder*, em 1998; todos pela FTD.

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos: Literatura infantil 028.5
2. Contos: Literatura infantojuvenil 028.5

MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO DA EDITORA FTD
REPRODUÇÃO PROIBIDA

Ⓢ *o terror do 6.º B*
e outras histórias
Yolanda Reyes

Tradução

André de Oliveira Lima

Ilustrações

Daniel Rabanal

Prêmio Novos Talentos, da Fundação para o Fomento da Leitura
(Fundalectura), em 1994, Colômbia. Obra selecionada para o
catálogo White Ravens, da Biblioteca Internacional da Juventude,
em Munique, na Alemanha, em 1995.

1ª edição

FTD

São Paulo | 2014

MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO DA EDITORA FTD
REPRODUÇÃO PROIBIDA

MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO DA EDITORA FTD
REPRODUÇÃO PROIBIDA



O dia em que não houve aula

Era domingo na sua pior hora. Seis em ponto da tarde. No dia seguinte, escola. João Guilherme começou a sentir um nó no estômago. Ali no seu quarto estava a mochila intacta, com todos os livros guardados e as tarefas sem fazer.

Havia pensado em fazê-las na sexta-feira para acabar logo com “isso”, mas depois Paulo chegou e o convidou para andar de bicicleta.

“Faço as tarefas no sábado de manhã”, pensou João, mas no sábado foi fazer supermercado com a avó.

“Faço as tarefas depois”, mas depois era o aniversário de Sílvia e depois estava tão cansado que disse “é melhor no domingo de manhã”, mas, no domingo, se levantou tarde e, para completar, passavam bons programas na televisão e depois teve que

arrumar o quarto e sair para almoçar, e assim o dia foi passando.

Por fim, não houve tempo para fazer as tarefas... Era domingo na pior hora e o nó no estômago se enroscava cada vez mais.

Então, para disfarçar o nervosismo, ligou a televisão.

– Só um pouquinho, para saber o que está passando e depois começo. Além do mais, a essa hora nunca tem bons programas.

Na tela apareceu uma espécie de mago: paranormal famoso com um turbante na cabeça e sotaque estrangeiro. Dobrava uma colher com as sobranceiras franzidas; o típico e velho truque. A colher dobrou. João Guilherme, como tantos milhões de telespectadores, obedeceu às ordens do paranormal. Foi até a cozinha e trouxe um garfo. Fez tudo ao pé da letra. Franziu as sobranceiras e fechou os olhos para tirar a energia magnética do cérebro e dobrar as moléculas do garfo. Nada. O garfo nem se mexeu. João Guilherme não pôde terminar sua lição de energia magnética porque o chamaram para comer.

Depois do jantar, o programa sobre o paranormal havia acabado e em seu lugar passava *Guerra nas estrelas*. Viu o filme inteiro e depois já não tinha como fazer as tarefas porque o sono fechava seus olhos.

“Amanhã no ponto de ônibus peço ao André que me explique a tarefa de Matemática, para o caso de eu ter de ir até o quadro.”

Com essa ideia, o nó no estômago diminuiu um pouco e ele dormiu profundamente.

Adivinhem com quem sonhou... Ora, com o paranormal e com seus exercícios de controle mental...

Segunda-feira, na pior hora – seis em ponto da manhã! –, o despertador tocou pontual. João Guilherme se acomodou entre as cobertas para se despedir do sono e despertou uma hora mais tarde com os gritos da mãe:

– Olha que se o senhor perder o ônibus o castigo é pra mim, porque aí me toca te levar!

E assim foi. João Guilherme bebeu o chocolate sem pão nem nada, tomou banho em sessenta segundos, saiu com a gravata em uma mão e o pente na outra e correu sem parar, mas o ônibus já estava na outra esquina e ele não pôde alcançá-lo.

Então voltou para casa, com cara de arrependido, e a mãe, furiosa, com o pijama debaixo do casaco, saiu rumo à escola repetindo a mesma ladainha reservada para essas ocasiões.

“Tomara que aconteça algo e a gente não consiga chegar”, pensou João Guilherme e, por coincidência,

o carro tossiu três vezes e enguiçou no meio da avenida mais movimentada, em plena hora mais movimentada.

A mãe desceu com o pijama aparecendo por baixo do casaco. Examinou o carro, desde os pneus até o motor, fingindo entender de mecânica, mas o carro não caiu nessa história e continuou parado.

“Pobre mamãe”, pensou João. Estava tão ridícula com sua cara de sono e seu pijama por baixo do casaco que ele tentou fazer algo. Lembrou-se do paranormal e ordenou que as moléculas do carro se restaurassem. Por pura coincidência, a mãe deu três sapatadas na bateria e o carro tossiu três vezes e ficou perfeito. Mas já era muito tarde e o trânsito estava impossível.

– Você vai chegar por bem ou por mal – disse a mãe, e continuou sua jornada sem dizer mais uma palavra.

Finalmente – às oito e vinte! – chegaram à porta de ferro da escola. João desceu sem um beijo, porque sua mãe continuava furiosa.

“Que segunda-feira tão segunda-feira”, pensou. E desejou com todas as forças que nesse dia não houvesse aula.

Lá dentro tudo estava em silêncio. O corredor, vazio e as portas de todas as turmas, fechadas. João Guilherme avançou, com o terrível nó no estômago,

tratando de imaginar uma boa desculpa para dizer ao professor.

Por fim, chegou ao 4º ano B. Primeira aula, Matemática, lembrou o horário que ficava colado do lado de fora, e ele não tinha feito a tarefa, já sabemos por quê. João Guilherme encostou a orelha na porta para tentar ouvir em que ponto estava a aula. Seu coração batia forte. Não conseguiu ouvir nada. Silêncio absoluto. Seu estômago se enroscou todo, em um nó cego. O silêncio era sintoma do pior e o pior era prova surpresa. E zero com certeza para ele.

Com toda a valentia que conseguiu reunir no corpo, João Guilherme Marques fechou os olhos, cruzou os dedos, recitou o famoso “Sortilégio para que não haja escola” e se obrigou a entrar na classe, com um empurrão... Abriu a porta e foi como se tivesse dado um salto no vazio. Do lado de dentro não havia classe. Não havia professor nem alunos. Nem quadro, nem carteiras, nem armário, nem murais, nem teto, nem piso, nem paredes. Ao pé da letra: NÃO HAVIA CLASSE. Atrás da porta, nada de nada. Zero absoluto, conjunto vazio. Toda a segunda-feira pela frente. Toda a segunda-feira, inteira e novinha, e não havia aula!

MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO DA EDITORA FTD
REPRODUÇÃO PROIBIDA

